



## **José de Alencar e Alphonse de Lamartine: a solidariedade na velhice**

## **José de Alencar and Alphonse de Lamartine: Solidarity in Old Age**

Wilton José Marques

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo / Brasil

[will@ufscar.br](mailto:will@ufscar.br)

<http://orcid.org/0000-0003-2559-9331>

**Resumo:** O artigo discute as relações entre José de Alencar e Alphonse de Lamartine em função da campanha do *Diário do Rio de Janeiro*, então dirigido pelo futuro romancista, para que os leitores brasileiros assinassem o Curso de Literatura Familiar do autor francês, que, na velhice, passava por dificuldades financeiras. Tal campanha, capitaneada por Alencar, conseguiu 3000 assinaturas à obra de Lamartine. Evidentemente, a solidariedade de José de Alencar explica-se tanto pelo seu reconhecimento quanto pela admiração pela obra literária do autor francês. **Palavras-chave:** José de Alencar; Alphonse de Lamartine; solidariedade

**Abstract:** The article discusses the relationship between José de Alencar and Alphonse de Lamartine as a result of the *Diário do Rio de Janeiro* campaign, then directed by the future novelist, for Brazilian readers to subscribe to the Family Literature Course by the French author, who, in old age, was going through financial difficulties. This campaign, led by Alencar, got 3000 subscribers to Lamartine's work. Evidently, José de Alencar's solidarity is explained both by his recognition and by his admiration for the literary work of the French author.

**Keywords:** José de Alencar; Alphonse de Lamartine; solidarity.

Depois de escrever para o *Correio Mercantil* entre setembro de 1854 e julho de 1855 e granjear fama literária pelo sucesso da coluna *Ao correr da pena*, José de Alencar, nomeado em 12 de setembro de 1855 por aclamação dos acionistas,<sup>1</sup> assumiu o cargo de “redator gerente” do *Diário do Rio de Janeiro* a partir de 6 de outubro, prometendo que o jornal sustentaria “no meio das lutas políticas uma posição independente” (*DIÁRIO...*, 1855b, p.

---

<sup>1</sup> Entre os acionistas da Empresa Tipográfica do *Diário do Rio de Janeiro*, constavam, por exemplo, várias figuras públicas do Império, tais como o Barão de Mauá, o Visconde de Sapucaí, o conselheiro Antônio Meneses Vasconcelos de Drummond e, além do próprio escritor, também seu pai, o velho senador Alencar (*DIÁRIO...*, 1855a, p. 1).

1). O novo trabalho e as consequentes responsabilidades advindas do cargo eram maiores, sobretudo pela necessidade imperiosa de então tentar resgatar tanto as finanças quanto a credibilidade do Diário, que atravessava uma fase de agonia e decadência. Nesse mesmo sentido, Araripe Júnior afirma que, aos 26 de idade, “o moço redator reduplicou de esforços, revelando uma pujança e fecundidade fora do comum”. Além de gerenciar o dia a dia do jornal, era o responsável pela escrita dos “artigos de fundo, em que tratava dos mais variados assuntos, política em geral, economia política, administração, jurisprudência”. E apesar de toda diversidade temática, os muitos artigos, assevera o crítico, “eram redigidos de improviso e com a verve do publicista consumado” (ARARIPE JÚNIOR, 1958, p. 154).

Mas, a despeito do natural (e crescente) aumento da quantidade de trabalho, José de Alencar encontrou tempo para socorrer o ilustre autor romântico Alphonse de Lamartine, que, na velhice, enfrentava dificuldades financeiras. Para auxiliar o poeta francês, que começara a publicar em fascículos mensais o Curso familiar de literatura, o Diário do Rio de Janeiro iniciou uma campanha para incentivar os brasileiros a comprarem a obra através do expediente de assinaturas, agenciadas pela própria redação do jornal.

Assim, já no dia 15 de março de 1856, apareceu, no estratégico rodapé da primeira página, uma resenha/propaganda sobre o Curso de Lamartine na coluna Revista Bibliográfica, assinada por Zr, isto é, o jornalista português Augusto Emílio Zaluar.<sup>2</sup> Aliás, curiosamente, o primeiro artigo que José de Alencar publicou no Correio Mercantil, em agosto de 1851, foi justamente um artigo sobre o livro de poemas *Dores e flores*, de Zaluar.<sup>3</sup> De todo modo, na sua resenha, Zr., em nota de rodapé, informava de saída que “subscreve-se para esta obra por um ano (12\$ rs. pagos adiantados) no escritório desta folha”, e adiantava, para aguçar o desejo dos possíveis interessados, que “o ilustre poeta promete enriquecer com o seu autógrafo o primeiro volume que remeter aos seus subscritores” (DIÁRIO..., 1856a, p. 1). Quanto ao texto do folhetim, Zaluar não apenas apresentou Lamartine – um semideus dos gênios – em termos hiperbólicos como reproduziu o programa que norteava o Curso familiar de literatura:

---

<sup>2</sup> Para a atribuição de autoria da Revista Bibliográfica a Zaluar, ver SOARES, 2020, p. 322.

<sup>3</sup> Para maiores detalhes sobre o primeiro artigo de Alencar, ver: MARQUES, 2015, p. 179-187.

[...] Vai para meio século que o nome do grande poeta da França conquistou entre as nações civilizadas, e mesmo entre os povos bárbaros e mais longínquos da terra, essa admiração universal que o torna um semideus do gênio, e obriga a uma adoração incessante o entusiasmo de todas as inteligências.

[...] Quem há que não conheça Lamartine? Se na Europa, nos pontos mais remotos do Oriente, entre cidades populosas, entre os mudos desertos da Palestina, nos palácios dos ricos, nas choupanas dos pobres, como nas tendas do Árabe errante, os seus cantos são como o companheiro invisível, porém inseparável e consolador, de todo o ente que pensa, de todo o coração que sofre, de toda a razão que cogita, e de todo o espírito que adora e crê, na América, nessa metade virgem do mundo, o nome do cantor de Jocelyn, do autor imortal das *Meditações*, não merece menos respeito, nem é menos conhecido!

Todas as vezes, pois que se recorda este nome glorioso para as letras e para a liberdade, não há ninguém, estamos certo, que deixe de corresponder entre nós com espontaneidade e dedicação às novas glórias que nos promete, sobretudo quando tão distinto escritor pretende associar à realização do seu pensamento com o que os Brasileiros costumam acolher todas as grandes conquistas da civilização e do gênio!

Lamartine, resolvendo publicar um CURSO FAMILIAR DE LITERATURA, cujas vantagens serão imensas, se atentarmos para o talento do seu autor e para a necessidade que temos dessas obras elementares, conta que o seu pensamento será bem acolhido no Brasil, e pede-nos que subscrevamos para o seu livro, estreitando deste modo os laços de fraternidade literária que unem e devem unir constantemente os homens, para quem o sacerdócio das letras não é neste século uma idolatria bárbara.

Citaremos textualmente as palavras lacônicas, porém significativas, do seu programa:

Estudar literatura universal em todos os séculos, em todos os países, em todas as línguas, com inteligência e escrúpulo; apreciar as obras, comentá-las, oferecê-las mais como exemplos do que como regra aos espíritos; inspirar também a noção e gosto das letras, mesmo ao menos lidos, tal é o pensamento desta obra.

Não é um curso de retórica, porém um curso de discernimento e de gosto. Está escrito nesse estilo familiar da conversação que se ajeita a todas as compreensões.

Está dividido em conversações do escritor com o leitor.

Publicar-se-á uma conversação por mês.

A obra, que já conta muitos volumes inéditos, será continuada pelo menos quatro anos. Reunindo sob um mesmo involucro as doze

conversações do ano, formar-se-á, dentro em pouco tempo, um curso completo de literatura para as bibliotecas de família.

A obra é escrita por M. de LAMARTINE unicamente.

Publicada e administrada por ele só.

Agora que os nossos leitores já conhecem a nova publicação que lhes anunciamos; quem sabem que é o seu ilustre autor que nos pede a nossa coadjuvação para levá-la avante, seria uma superfluidade da nossa parte apelar ainda para os sentimentos de generosidade que nos países estrangeiros já tanto nos acreditam (DIÁRIO..., 1856a, grifos nossos).

Para encorajar ainda mais os brasileiros, o Diário do Rio de Janeiro, a partir de 23 de março, começou a publicar o anúncio sobre o Curso de Lamartine, que, ao longo do primeiro semestre, seria reproduzido à exaustão (mais de quarenta vezes) até fins de junho.<sup>4</sup> O referido anúncio reproduzia o “programa” do Curso de Familiar de Literatura e reafirmava que “o ilustre poeta promete por favor especial enriquecer com o seu autógrafo os exemplares que vierem para os Srs. assinantes, obtidos pela intervenção desta folha” (DIÁRIO..., 1856b, p. 8).

Com a insistente repetição, o assunto foi ganhando força na imprensa da corte, sendo repercutido por outros jornais, como, por exemplo, no Correio Mercantil. Em 5 de maio, M. (Henrique Cesar Muzzio), um dos redatores responsáveis pelo folhetim das Páginas menores, tratou, entre outros temas, do Curso familiar de literatura, enfatizando de antemão que “Lamartine, sexagenário, pede um pão para os últimos dias da vida” (CORREIO..., 1856a, p. 1). E, nesse sentido, ainda complementou:

Para que nada faltasse à glória da metade do XIX século, era preciso que a civilização visse mendigar o maior de seus poeta, e a religião quase descrever um de seus filhos mais queridos.

Lamartine está sem lar, e precisa pedir a um trabalho incrível o pão diário para si e sai companheira.

Há trinta anos que aquela vasta inteligência, que aquela pena sublime, que aquela consciência sem mácula ensina a sociedade inteira a admirar a criação e o criador. Poeta, historiador, publicista, homem de estadão, orador, o maior de todos, manteve, ileso entre as ondas espumantes da população, a bandeira do progresso nos dias difíceis das cóleras nacionais.

---

<sup>4</sup> Até onde pôde se averiguar, o anúncio foi publicado pela primeira vez em 23 de março, e, pela última, em 29 de junho. (Cf. DIÁRIO..., 1856b, p. 8 e 1856g, p. 4).

Cada um de nós aprendeu nos seus livros, nos seus versos, nas suas palavras, essas máximas que consolam, esses princípios que fortificam, essa moral pura da verdade, que é o único apoio da alma nas grandes crises da vida.

Após tão longa tarefa, a maior do que jamais empreendeu e perfez homem algum, o ditador concussionário de fevereiro, como lhe chamou toda a vilalalé dos saltimbancos políticos, está arruinado! Os numerosos e admiráveis livros que ultimamente têm saídos de sua penas, História da Restauração, História dos Constituintes, História da Turquia, História da Rússia, etc., etc., bastaram apenas para pagar suas dívidas. Agora é preciso o cibo diário; e o galé do gênio volta de novo à fatal banquetta para com o trabalho de doze horas por dia ter ao menos com que saciar as necessidades de um corpo gasto antes do tempos.

A imensa nobreza daquele caráter revela-se ainda num último fato.

A generosa França não ouviu de balde a queixa do seu grande poeta. Tratou-se imediatamente de organizar uma subscrição nacional que garantisse a Lamartine o repouso dos últimos dias. Recusou! “Prefiro morrer no trabalho, disse ele, do que ser pesado a meus concidadãos”.

O que ele vai publicar agora para poder viver é o Curso familiar de literatura, que já tem sido anunciado nas folhas diárias desta corte. Toda a imprensa de Paris e dos departamentos convidou a França a subscrever a obra do grande poeta. Muitas comissões, compostas de escritores, artistas e muitos homens distintos, organizaram-se espontaneamente em Paris, e dirigem circulares para toda a parte pedindo que se assinasse esse livro único em seu gênero, pela pena que o escreve, pela ocasião em que é escrito. É um apelo que deve ser ouvido em toda a parte onde se conhece a língua francesa.

A publicação é mensal, e o preço 12\$ por ano. O primeiro já saiu à luz. [...] o homem que foi senhor dos tesouros da França, o fidalgo que possuiu vastos domínios do poder, o poeta, o orador, o publicista que enche o mundo com o eco de seu nome, está despojado de tudo; resta-lhe apenas o seu gênio. Não quer dever uma esmola à França que tanto lhe deve. Trabalhará na angústia da desesperança até que o anjo da morte lhe diga – basta! O seu último livro será uma longa história de dores escrita com lágrimas.... E nem uma queixa contra a sociedade! “Ache, diz ele, os homens bons, mas a sorte foi-me adversa” (CORREIO..., 1856a, p. 1).

Pouco mais de um mês e meio depois, em 12 de junho, um dia antes de o Diário divulgar a primeira lista de assinantes, Alencar publicou o pungente artigo – Aos nossos leitores – defendendo a necessidade de solidariedade ao “grande poeta da França”, para, em seguida, afiançar que “Lamartine não é estrangeiro em parte alguma do mundo civilizado”. Dessa forma, esperava que

o apelo do poeta francês fosse acolhido pelos brasileiros “como o brado do socorro lançado por um irmão do extremo doloroso de um perigo imprevisto”. Nas palavras de Alencar,

O público de nosso país foi também, como o público de todo o mundo civilizado, surpreendido pela dolorosa notícia desse extremo agonizar do gênio em luta com as adversidades da sorte e com o trabalho penoso de todos os dias para conquistar a subsistência independente e honesta de uma via já alquebrada pelo tempo, e gasta quase toda no serviço da humanidade, na glória das letras e nos combates incessantes do progresso da civilização.

Falamos de Lamartine, o grande poeta da França, um dos mais distintos escritores de nosso século, que, no último quartel da existência, quando o repouso é uma condição de vida, trabalha incessantemente 12 horas por dia, invocando de seu gênio e da sua pena a subsistência de sua família indigente.

O Curso familiar de literatura é a nova e quem sabe se não será a última obra do grande escritor, a quem ele invoca o derradeiro auxílio para os últimos dias de sua vida.

Nossos leitores já têm dela conhecimento pelas notícias que lhes havemos transmitido.

Desta vez porém somos nós que lhes falamos.

Em quase todos os países da Europa há uma subscrição aberta para essa obra, quase todos os jornalistas têm mais ou menos repetido o eco unânime da imprensa francesa em favor do grande poeta.

Lamartine não é estrangeiro em parte alguma do mundo civilizado. Em todo o país onde há uma imprensa, onde há uma literatura, onde há uma população generosa e de nobres instintos, o seu apelo será acolhido como o brado do socorro lançado por um irmão do extremo doloroso de um perigo imprevisto.

Não se dirá pois que a terra de Colombo, que a natureza esplêndida da América não teve um eco para responder a esse brado.

É uma imitação honrosa a que vamos fazer, acompanhando os nossos irmãos da imprensa francesa.

A todos os nossos leitores, a todos os nossos literatos, a todos os homens generosos do nosso país convidamos a que se associem a nós no empenho que tomamos de agenciar assinaturas para o Curso familiar de literatura de Lamartine.

Para isso continuaremos a receber, no escritório de nossa redação, as assinaturas que quiserem enviar-nos, incumbindo-se cada um de nós, particularmente por si, de agenciar o maior número que puder.

E se estas linhas chegarem até o ilustre poeta, por cuja sorte ousamos tomar aquela parte de interesse que a nossa simpatia nos abriga, que nos perdoe o desabrimento de nossa fraqueza pela pureza de nossa intenção.

A pobreza na velhice era uma das grandes virtudes que a Providência não recusaria à sua grande alma.

Nada mais fazemos, portanto, do que cumprir com um dever de consciência, que nos é grato e que esperamos firmemente será correspondido pelo acolhimento cordial que a generosidade de nosso público não nos recusará de certo (DIÁRIO..., 1856c, p. 1).

No dia 13, quando saíram os primeiros nomes, José de Alencar, que ocupava o primeiro lugar na lista, fez uma breve nota no jornal, informando que “o número já avultado que temos, e que ainda esperamos obter, é uma prova de consideração dada ao ilustre poeta francês, e que muito honra o espírito brasileiro, e o amor que nosso país se consagra às letras” (DIÁRIO..., 1856d, p. 1). No dia seguinte, retornou ao tema com outro artigo – “Subscrição à obra de Lamartine” –, em que enfatizou a repercussão da lista e ao mesmo tempo reafirmou que “Lamartine pertence à humanidade e não à França: o gênio não tem pátria: a linguagem do coração e do sentimento: é universal” (DIÁRIO..., 1856e, p. 1). Ainda na mesma edição, foi publicada uma carta, do Dr. Manuel da Cunha Galvão, que não apenas louvava a iniciativa como também sugeria ao redator do Diário que escrevesse para Lamartine:

[...] uma mensagem, em que se faça ver a este facho luminoso da literatura, da poesia e da liberdade, que os Brasileiros, gratos aos belos momentos que passaram na leitura de suas obras, reconhecendo os serviços por ele prestado à civilização e à humanidade, gratos pelas raízes profundas com que ele plantou a liberdade no solo da França, (DIÁRIO..., p. 2).

No dia 16 de junho, ecoando a campanha capitaneada pelo redator em chefe, seu irmão, Leonel, que redigia a coluna Livro do domingo, criada para substituir *Ao correr da pena*,<sup>5</sup> ampliou o pedido, dirigindo-se agora para suas leitoras,

---

<sup>5</sup> Em dezembro de 1855, depois de publicar esparsamente a coluna *Ao correr da pena* no Diário do Rio de Janeiro, José de Alencar anuncia o seu fim e a substituição pelo Livro do domingo: “Pedimos desculpa aos nossos leitores pelas faltas que tem havido ultimamente na publicação da nossa revista hebdomadária. Esta irregularidade porém vai cessar inteiramente. / Um dos nossos redatores que se assina L.a. acha-se incumbido da redação desta revista, que começará a publicar-se regularmente de domingo em diante” (DIÁRIO..., 1855c, p. 1).

O Diário já dirigiu-se aos leitores: seu redator em chefe falou-se em nome de toda redação, e convidou a seus colegas da imprensa a fazer-lhe o mesmo convite. Resta-me pois apenas pedir para Lamartine somente às minhas leitoras (DIÁRIO..., 1856f, p. 1).

De fato, a campanha de assinaturas do Curso familiar de literatura ia de vento em popa. No dia seguinte e na primeira página, o *Correio Mercantil* anunciou sua adesão, afirmando que conseguira o apoio de algumas senhoras da sociedade, incluindo a própria Imperatriz, prometendo que, logo, sairia outra lista, encabeçada pelo Imperador Pedro II, que, aliás, segundo o artigo, já havia “mandado assinar a obra na Europa”:

Lamartine, como já o disse há tempos o nosso colega que escreve o folhetim semanal, viu-se obrigado a trabalhar na velhice para não morrer de fome! Sobre este assunto, a notícia dada singelamente pelo nosso colega dispensa tudo quanto pudésemos escrever.

A imprensa diária desta corte tomou a nobre tarefa de receber e agenciar assinaturas para o Curso familiar de literatura, para esse trabalho com que um dos primeiros gênios de nossa época, uma dos primeiros e mais honrados cidadãos da França, procura evitar a miséria.

O *Correio Mercantil* aproveitou ontem também o ensejo de prestar um insignificante serviço ao ilustre poeta francês. Para isso não precisou de empenhar esforços, porque pedia-se somente mais um ato de nobreza à inteligência e ao coração do brasileiro.

Publicamos em seguida a lista de senhoras que já subscreverão para o Curso familiar de literatura. S. M. a Imperatriz dignou-se de consentir que seu nome fosse inscrito nessa lista.

Amanhã publicaremos os nomes dos subscritores, à cuja frente está o de S. M. o Imperador, apesar de já ter esse augusto Senhor mandado assinar a obra na Europa (CORREIO..., 1856b, p. 1).

Curiosamente, a despeito da óbvia importância das reais participações de Suas Majestades Imperiais, foi publicada na mesma edição do *Correio Mercantil* a carta do Sr. Carlos Geyler – provavelmente o representante de Lamartine no país, o que indica que a notícia da campanha já devia ter chegado aos ouvidos do poeta francês – ao redator em chefe do *Diário do Rio de Janeiro*. Dirigindo-se, em nome de Lamartine, ao Sr. Redator “como um dos representantes mais inteligentes do progresso e do futuro do Brasil”, Geyler agradeceu “ardentemente a todos aqueles que se dignaram acudir o nosso



reclamo”. A carta, datada de “Rio de Janeiro, 16 de junho de 1856”, dizia o seguinte:

Illm. Sr. Dr. J. M. de Alencar, redator em chefe do Diário do Rio de Janeiro. – Incumbido pelo Sr. A. de Lamartine, de propagar o seu Curso familiar de literatura, hoje em publicação, eu estava seguro de que encontraria no Brasil apoio e simpatia. Nem podia ser d’outro modo. A nação que, bem que fale a língua portuguesa, pensa sempre com a francesa, a nação acessível a todas as grandes, nobres e generosas ideias, devia acolher com prontidão uma obra do grande poeta, do imortal gênio que, em vossa mesma frase: pertence mais à humanidade do que à França. Porém, é força confessar que eu estava longe de esperar o entusiasmo com que acolheram meus primeiros passos nesse sentido.

Consenti, Sr. Redator, que, em nome do Sr. A. de Lamartine e no meu, eu me dirija à vossa pessoa, como a um dos representantes mais inteligentes do progresso e do futuro do Brasil, para agradecer ardentemente a todos aqueles que se dignaram acudir a nosso reclamo.

Consenti também que eu cite, ao lado do vosso, os nomes dos Srs. Teixeira Leite, Dr. Galvão, Joaquim Bento de Souza Andrade e Leonel de Alencar, que igualmente se empenharam na propagação da obra do Sr. A. de Lamartine.

Honra! à Nação brasileira que compreende que o gênio não tem pátria, ou antes que ele pertence a todas as nacionalidades; e, desculpai este assomo de orgulho a um francês, respondendo os Brasileiros, como o fizeram, ao apelo do grande poeta, comprovaram mais uma vez que as fronteiras da França são todas morais, e que ela existe em toda a parte do mundo.

Dignai-vos aceitar, meu caro redator, a segurança de minha consideração (CORREIO..., 1856b, p. 2).

Às vezes, além, é claro, da contínua publicação das listas no Diário do Rio de Janeiro e no Correio Mercantil, os dois jornais anunciavam pedidos coletivos de assinaturas, indicando que a campanha já extrapolara as fronteiras da capital do Império.<sup>6</sup> No dia 10 de julho, o Correio Mercantil informou que,

---

<sup>6</sup> Para citar dois exemplos, em 4 de julho no Diário apareceu a seguinte nota na Crônica diária: “recebemos ontem do Sr. Francisco Marques de Sousa, diretor do colégio de S. Vicente de Paula, em Nova Friburgo, autorização para assinarmos em seu nome 60 exemplares do Curso de literatura de Lamartine”. No dia, 31 de julho, no Correio Mercantil apareceu esta outra na coluna “O que há de novo?": “Tinha-se aberto em Porto Alegre uma assinatura para o Curso de Literatura familiar [sic] de Lamartine; foram os estudantes da escola militar os iniciadores dessa generosa ideia” (Cf. DIÁRIO..., 1856h, p. 1; CORREIO..., 1856d, p. 1).

para a ocasião, o artista e tipógrafo francês Louis Alexis Boulanger criara um álbum personalizado para que os subscritores do Curso familiar registrassem suas assinaturas e que, posteriormente, seria enviado a Lamartine. Diz a nota,

O Sr. Boulanger teve uma ideia feliz. Preparou um álbum lindíssimo, cuja capa é de madeira do país com as armas de Lamartine na frente, e vai depositá-lo para que todos os subscritores do Curso familiar de literatura inscrevam ali os seus nomes. Depois dessa inscrição terminada o álbum será remetido ao ilustre poeta.

Naturalmente as assinaturas dos imperiais subscritores serão as primeiras desse livro (CORREIO..., 1856c, p. 1).

Aliás, em algum momento impreciso do primeiro semestre de 1856, José de Alencar escrevera para o próprio Lamartine, e, diga-se, antes mesmo da sugestão dada pelo Dr. Cunha Galvão. É o que se pode inferir pela resposta enviada pelo poeta francês, que, datada de 26 de maio de 1856, foi publicada no dia 10 de julho. Num exercício de modéstia retórica, Alencar, que fez uma breve apresentação da carta resposta, explicou aos leitores que “o ilustre poeta francês acaba de dirigir a esta folha a carta que abaixo publicamos, e que deve ser lida com prazer por todos os nossos leitores, pois é mais dirigida a eles do que a nós, incumbidos apenas de transmitir-lhes as expressões de seu reconhecimento” (DIÁRIO..., 1856i, p. 1). Por sua vez, Lamartine demonstrou o seu contentamento com as notícias enviadas pelo redator do Diário e, além de revelar o desejo ardente de conhecer o Rio de Janeiro, observou: “segundo o que me escreveis, senhor, eu não seria aí unicamente um viajante, mas um concidadão intelectual desse povo: agradecei-lhe em meu nome essa naturalização dada às minhas obras, e continuai a fazer-me lido” (DIÁRIO..., 1856i, p. 1). Nas palavras do poeta,

Sr. Recebi com um íntimo reconhecimento as notícias favoráveis e tão inesperadas do acolhimento feito pelos Brasileiros à minha obra e ao meu nome. Eu não tinha outro título a seu interesse, além do meu respeito por uma nação que soube transplantar a poesia de Camões, a honra do velho mundo, para um mundo novo.

O teatro, no qual os Portugueses do Brasil exercem agora seu heroísmo e seu espírito de conquista moral e comercial, assim como o seu gênio literário, é mais vasta e mais esplendidamente decorado pela natureza que sua antiga pátria europeia. Grandes destinos felizmente começados aí os esperam. Esses destinos eram devidos aos filhos da nação que abriu

à Europa sábia e intelectual os portos da Índia e da China. A eles cabe agora poetizar um outro continente.

Um dos meus desejos mais ardentes foi sempre ir visitar uma vez esse Éden da América meridional que se chama Rio de Janeiro: as vicissitudes da vida que me fazem livre me permitem embalar-me algumas vezes com esta esperança.

Segundo o que me escreveis, senhor, eu não seria aí unicamente um viajante, mas um concidadão intelectual desse povo: agradecei-lhe em meu nome essa naturalização dada às minhas obras, e continuei a fazer-me lido.

Não tenho senão um mérito na minha vida literária e política: semeiei no meu caminho a amizade, e faço uma colheita de amigos em todo o universo (DIÁRIO..., 1856i, p. 1).

No dia 16 de julho, notícia no Diário do Rio de Janeiro informava que o referido álbum a Lamartine “estará nesta tipografia, à disposição dos subscritores que desejarem assinar os seus nomes, do dia 20 em diante, visto não nos ser possível enviá-lo a cada um daqueles que se inscreveram”, e, sobretudo, dizia que o mesmo já tinha sido aberto, pois, “Suas Majestade Imperiais dignaram-se honrar o álbum com as suas assinaturas. S. M o Imperador escreveu na primeira página as seguintes palavras: Les siècles sont à toi, l’univers est ta patrie” (DIÁRIO..., 1856j, p. 1).<sup>7</sup>

Naquele momento, a campanha do Curso familiar de literatura já era um grande sucesso de público, tanto que, sintomaticamente, o famoso livreiro e editor Baptiste L. Garnier, por um lado, apressou-se a estampar um anúncio no Correio Mercantil, de 2 de agosto, oferecendo a assinatura da obra de Lamartine, em que, ao contrário dos 12 réis cobrado pelo Diário, pedia 8 réis (CORREIO..., 1856e, p. 2); e, por outro, outra nota no Diário, de 11 de agosto, informava que “o Jornal da Bahia abriu também uma lista de assinaturas para o Curso familiar de Lamartine” (DIÁRIO..., 1856m, p. 1).

Em 10 de outubro, e anunciado no dia anterior,<sup>8</sup> o Diário do Rio de Janeiro publicou nova carta de Lamartine em resposta a outra enviada por José de Alencar, em 17 de julho. Provavelmente, em tal carta, levada a Paris pelo

<sup>7</sup> Tradução literal: Os séculos são teus, o universo é tua pátria.

<sup>8</sup> “Lamartine escreveu-nos ou antes escreveu aos nossos leitores e assinantes uma carta que publicaremos amanhã; o ilustre poeta francês nos dá a agradável notícia que na primavera seguinte virá ao Rio de Janeiro agradecer a Suas Majestades e ao público fluminense o acolhimento que recebeu o seu nobre apelo” (DIÁRIO..., 1856n, p. 1).

irmão e diplomata Leonel, José de Alencar informara ao poeta francês sobre o álbum, adiantando, sobretudo, as palavras escritas pelo Imperador. Lamartine, que estava fora de Paris, escreveu para Leonel de Alencar, em 27 de agosto de 1856, desculpando-se:

O Sr. de Lamartine lamenta vivamente de não estar em Paris para receber a visita do Sr. de Alencar e para agradecer-lhe as excelentes notícias e as provas de simpatia que lhe trouxe da parte de seu irmão e dos seus compatriotas. Ele responde hoje a seus amigos do Rio de Janeiro, retido em sua residência de campo por algumas semanas, ele terá imenso prazer no fim de outubro de oferecer ao Sr. de Alencar o acolhimento que ele deve a uma Nação tão amável e tão amiga. Ele pede aos Sr. Leonel de Alencar para transmitir ao seu irmão toda a sua gratidão pelos admiráveis artigos que lhe fizeram ganhar a simpatia tão honrosa e tão apreciada na Nação brasileira (apud MENEZES, 1977, p. 98).

De fato, como afirmara o poeta, a carta a José de Alencar também foi escrita no mesmo 27 de agosto. Nela, Lamartine, referindo-se ao “álbum do Sr. Alencar” como sua “carta de naturalização no Brasil”, expressou mais uma vez o desejo de vir ao Brasil para agradecer pessoalmente ao Imperador. Da mesma forma que a anterior, a carta é precedida por algumas palavras de Alencar: “Como ontem noticiamos, o ilustre poeta francês fez-nos a honra de encarregar-nos de agradecer aos seus amigos do Rio de Janeiro as provas de afeição e estima que lhe deram” (DIÁRIO..., 1856o, p. 1). Diz Lamartine,

Sr.

Recebi a vossa carta de 17 de julho e as boas notícias que ela me anuncia. Deverei o restabelecimento dos meus negócios à simpatia da nobre nação brasileira, da qual fizestes para mim um povo de amigos.

A alegria que sentis pelo bom resultado de vossos esforços é uma prova de sinceridade e energia dos sentimentos que me tributais.

O álbum do Sr. Alencar será minha carta de naturalização no Brasil. Eu o transformarei em um monumento mais duradouro, para que passe a meus descendentes; e se graças a vós e a meus numerosos amigos do Brasil, eu puder salvar o meu teto paterno, os nomes escritos sobre o papel serão gravados sobre o bronze, e hão de decorar meu humilde alvergue.

Será a inscrição aere publico que alguns grandes homens, cidadãos, filósofos, ou poetas da antiguidade tiveram a honra de gravar na fachada de sua casa.

Tende a bondade de dizer a S. M. o Imperador quanto me tocarão as palavras que se dignou ajuntar à sua assinatura.

Só tenho um meio de lhe exprimir, assim com à Sua Majestade a Imperatriz e a nobre nação brasileira a força do sentimento de que me acho possuído; e é ir eu mesmo brevemente apresentar-lhes a expressão e a homenagem do meu respeito.

Tomei esta resolução, apenas recebi as vossas cartas; e espero que no começo da primavera, terminado meus negócios, poderei dar ao meu coração esta satisfação, que se tem tornado ao mesmo tempo um dever. O Rio de Janeiro é desde muito tempo a miragem dos meus olhos, e se alguma coisa pode ainda reanimar a minha imaginação, é o aspecto desse Éden do novo mundo, o qual a amizade do povo brasileiro transformou para mim em um país natal.

Recebi, Sr., os protestos de minha cordialidade (DIÁRIO..., 1856o, p. 1).

Na sequência desta segunda carta, e ao mesmo tempo atestando mais uma vez o completo sucesso da campanha de assinaturas, Alencar também fez questão de publicar um artigo saído no jornal *A Presse*, de Paris, em 31 de agosto 1856, e que, para ele, era “um dos órgãos mais distinto da imprensa francesa” (DIÁRIO..., 1856o, p. 1). Em linhas gerais, o pequeno artigo do correspondente do jornal no Rio de Janeiro repercutia, sobretudo depois impacto causado pela publicação da primeira carta de Lamartine, o “entusiasmo extraordinário” que então tomou conta do Brasil:

Cartas do Rio de Janeiro anunciam que a subscrição do Curso Familiar de Literatura excita um entusiasmo extraordinário no Brasil. Uma carta do Sr. Lamartine, publicada no Diário, produziu um verdadeiro movimento de simpatia, e nada pode exprimir a impaciência com que é esperada a obra.

A redação do Diário teve a feliz ideia de encomendar a um hábil calígrafo francês um álbum, destinado ao ilustre autor das *Meditações*; e que deve conter as assinaturas de todos os subscritores do Curso Familiar de Literatura, cujo número se eleva já a mais de mil e quinhentos no Rio, e que em poucos dias terá duplicado.

O Sr. Leonel de Alencar foi em nome da redação do Diário solicitar de S. M. Imperial, para que tomasse parte na demonstração que os Brasileiros dirigiram a um dos maiores poetas do século.

S. M. o Senhor D. Pedro II tomou a pena e traçou este verso: Les siècles sont à toi, le monde est ta patrie.

É, acrescenta o nosso correspondente, uma justiça feita ao gênio, um monumento elevado por um povo jovem, admirador do belo, do grande e do sublime, que ficará gravado eternamente em letras de ouro na história do Brasil (DIÁRIO..., 1856o, p. 1).

Fechando o texto, Alencar, mais uma vez, creditou o sucesso da campanha aos leitores, ressaltando que tanto a carta de Lamartine quanto a matéria do jornal francês “não é a nós que eles se dirigem, e sim à nação brasileira, da qual fomos apenas um obscuro representante”, afinal, concluiu o redator do Diário, “a eles cabe toda a glória dessa ação que nos ilustra aos olhos do estrangeiro, e que nos granjeia a estima de um poeta e de um escritor como Lamartine” (DIÁRIO..., 1856o, p. 1).

Uma semana depois, em 17 de outubro, saiu na coluna Folhas soltas<sup>9</sup> do Diário do Rio de Janeiro um pequeno fragmento do Curso familiar de literatura. Centrado no renascimento da literatura espanhola no século XIX, Lamartine – e talvez esteja aqui a razão de tal publicação – fazia uma breve referência ao Brasil:

Na Espanha o gênio não tinha morrido, dormia apenas. Eis o seu despertar!

Esperamos grandes acontecimentos, não só na Espanha continental, como na América espanhola.

A América espanhola assemelha-se a essas colônias gregas da Ásia, libertadas pela distância, porém conservando-se gregas pelo vigor dos caracteres e a elegância do gênio natural.

O mesmo se dá entre Portugal e o Brasil. Lá uma imaginação mais latina, e uma língua mais bela ainda que a espanhola, a dos *Lusíadas*, espera outros Camões, cujos cantos serão repetidos pelos dois mundos, desde Sintra até o Rio de Janeiro (DIÁRIO..., 1856p, p. 1, grifos nossos).

De todo modo, a história dessa campanha somente terminou em meados do ano 1857, quando finalmente o álbum chegou às mãos de Lamartine. A ideia inicial era mandá-lo em outubro de 1856, como explicava a seguinte

---

<sup>9</sup> Criada por Alencar, na primeira edição à frente do Diário, a coluna Folhas Soltas: “Exprime talvez mais do que a epígrafe variedades, sob a qual alguns jornais costumam publicar os escritor puramente literários. / Folhas soltas são trechos destacados de um livro ou de um jornal estrangeiro, são pequenos artigos de política, de ciências, ou de literatura ligeira. / Assim, entre estas folhas irão muitas vezes à par de fragmentos científicos, páginas de poesia, ou boutades de espírito que nos fornecerão nossos mestres;” (DIÁRIO..., 1855d, p. 1).

nota do Diário: “a preciosa oferta do Brasil ao gênio mais fecundo da França deve ser-lhe entregue no dia de seu aniversário natalício em 21 de outubro” (DIÁRIO..., 1856l, p. 1), mas, a entrega somente aconteceu em outubro de 1857, como se pode inferir pela leitura do seguinte artigo publicado no Diário do Rio de Janeiro, em 14 de julho. Nele, Alencar explicou como se daria o encaminhamento do álbum, apresentando “aos nossos leitores a carta [a Lamartine] que [o] acompanha”. Diz o redator:

Esperávamos que o Sr. Breuil, cônsul francês nesta corte, fosse portador do Álbum que o Brasil ofereceu ao Sr. de Lamartine e onde se leem, após os nomes de SS. MM. II., os de todas as pessoas ilustradas da nossa sociedade, onde é estimado o ilustre poeta francês

Tendo porém o Sr. Breuil adiado por enquanto sua viagem à Europa, a redação do Diário, que teve a honra da iniciativa nessa manifestação do nosso apreço à uma das maiores glórias literárias da França, julgou conveniente não demorar por mais tempo o seu oferecimento ao Sr. de Lamartine.

Pelo pacote que sai amanhã enviamos o Álbum ao nosso ministro em Paris, o Sr. Marques Lisboa, pedindo que se digne entregá-lo ao Sr. de Lamartine.<sup>10</sup>

Como nesta manifestação não somos mais do que simples interprete dos sentimentos dos brasileiros que assinaram o Curso familiar de literatura, julgamos dever apresentar aos nossos leitores a carta que acompanha o Álbum.

Ei-la:

Rio de Janeiro, le 12 juillet 1857.

Monsieur.

J'ai l'honneur de vous passes l'album que le Brésil vous offre, comme un simple hommage au plus grand poète de la France.

Vous y trouverez l'expression du sentiment que votre nom a éveillé dans le cœur d'un peuple jeune, mais qui sait honorer les gloires de la vieille Europe, la mère de la civilisation américaine.

La presse a le droit d'initiative dans les manifestations publiques: c'est pour cela que vous lirez ici, à la place d'un nom distingué, la signature d'un obscur journaliste.

---

<sup>10</sup> Acusando o recebimento do álbum em Paris, José Marques Lisboa escreveria a Alencar em 7 de setembro: “Sr. Dr. José Martiniano de Alencar. Recebi a carta com que muito me honrou V. S<sup>a</sup>. e o álbum que nela se anunciava, destinado a Mr. De Lamartine, a quem com a maior satisfação entregá-lo-ei logo que a esta Corte regressar o Poeta” (apud. MENEZES, 1977, p. 100).

J. D'ALENCAR,  
Rédacteur du Diário (DIÁRIO..., 1857, p. 1, grifos nossos).<sup>11</sup>

Evidentemente, a solidariedade de José de Alencar para com Lamartine – que, apesar do desejo, nunca veio ao Brasil para agradecer o Imperador ou mesmo ao redator gerente do Diário por ter capitaneado a campanha que conseguiu 3000 subscritores de seu curso<sup>12</sup> – explica-se por sua grande admiração pela obra do autor francês, corroborada por afirmações, em cartas e artigos, reconhecendo-o, por exemplo, como “um dos mais distintos escritores de nosso século” ou ainda que não era “estrangeiro em parte alguma do mundo civilizado”. Aliás, já no primeiro ensaio romanesco de Alencar – Cinco Minutos –, publicado no Diário do Rio de Janeiro, em dezembro de 1856, é possível perceber a presença literária de Lamartine. Mas essa é outra história...

#### Referências

ARARIPE JÚNIOR, T. de A. “José de Alencar”. *Obra crítica de Araripe Júnior*. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 1958, v. 3, p. 129-258.

CORREIO Mercantil, Rio de Janeiro, n. 124, 5 mai. 1856a, p. 1.

CORREIO Mercantil, Rio de Janeiro, n. 167, 17 jun. 1856b, p. 1.

CORREIO Mercantil, Rio de Janeiro, n. 189, 10 jul. 1856c, p. 1.

---

<sup>11</sup> Tradução literal: Senhor. / Tenho a honra de vos passar o álbum que o Brasil vos oferece, como uma simples homenagem ao maior poeta da França. / Encontrarás aí a expressão do sentimento que o vosso nome despertou no coração de um povo jovem, mas que sabe honrar as glórias da velha Europa, mãe da civilização americana. / A imprensa tem o direito de iniciativa nas manifestações públicas: por isso lerás aqui, no lugar de um nome distinto, a assinatura de um jornalista obscuro.

<sup>12</sup> Em 17 de março de 1857, Lamartine até chegou a ir à Legação brasileira em Paris para tratar do assunto. No dia seguinte, o responsável comunicou ao governo brasileiro: “O Sr. de Lamartine veio ontem a esta Legação para se informar sobre a notícia publicada por diversos jornais de que Sua Majestade o Imperador lhe fez a honra de subscrever o Curso familiar de literatura. O Sr. de Lamartine falou-me do seu projeto de atravessar o Atlântico pra ir agradecer ao Imperador e acrescentou algumas explicações sobre as despesas feitas com a preparação dos exemplares destinados a 3000 subscritores do Brasil. A alta posição literária do ilustre poeta e o papel importante que ele desempenhou na política me obrigaram a recebê-lo com uma distinção especial e a dar curso ao seu pedido, que pareceu-me digno de merecer a atenção de Vossa Senhoria” (Apud. MENEZES, 1977, p. 99-100).



CORREIO Mercantil, Rio de Janeiro, n. 210, 31 jul. 1856d, p. 1.

CORREIO Mercantil, Rio de Janeiro, n. 213, 2 ago. 1856e, p. 2.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 252, 13 set. 1855a, p. 1.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 1, 06 out. 1855b, p. 1.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 70, 16 dez. 1855c, p. 1.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 1, 06 out. 1855d, p. 1.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 75, 15 de mar. 1856a, p. 1.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 83, 23 mar. 1856b, p. 8.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 163, 12 jun. 1856c, p. 1.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 164, 13 jun. 1856d, p. 1.

DIÁRIO do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, n. 165, 14 jun. 1856e, p. 1.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 167, 16 jun. 1856f, p. 1.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 180, 29 jun. 1856g, p. 4.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 185, 4 jul. 1856h, p. 1.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 191, 10 jul. 1856i, p. 1.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 197, 16 jul. 1856j, p. 1.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 212, 31 jul. 1856l, p. 1.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 223, 11 ago. 1856m, p. 1.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 280, 09 out. 1856n, p. 1.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 281, 10 out, 1856o, p. 1.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 288, 17 out. 1856p, p. 1.

DIÁRIO do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 190, 14 jul. 1857, p. 1.

MARQUES, W. J. Diálogos de além-mar: um artigo inédito de José de Alencar. *Navegações*, Porto Alegre, n. 2, jul.-dez. 2015, p. 179-187. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/23303>.

MENEZES, R. de. José de Alencar: literato e político. 2. ed., Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.

SOARES, M. V. N. José de Alencar no Diário do Rio de Janeiro. *Soletras*, Rio de Janeiro, n. 40, jul.-dez. 2020, p. 318-341. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/51761>.

Recebido em: 19 de julho de 2021.  
Aprovado em: 15 de março de 2022.